

AQUISIÇÃO DAS VOGAIS NASAIS FRANCESAS POR APRENDIZES BRASILEIRAS: UMA ANÁLISE VIA ULTRASSONOGRRAFIA

BRUNA CORREA¹; GIOVANA FERREIRA-GONÇALVES²; MIRIAN ROSE BRUM-
DE-PAULA³

¹Universidade Federal de Pelotas – bukacorrea@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gfgb@terra.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – brumdepaula@yahoo.fr

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema a aquisição das vogais [ɛ̃], [ã] e [õ] por aprendizes brasileiras de Francês como língua estrangeira, de diferentes níveis de proficiência, de um curso de licenciatura em Letras – Português/Francês. Em relação à nasalidade das vogais, Albano (1998) – com base na Fonologia Gestual/Articulatória (BROWMAN; GOLDSTEIN, 1992) – explica que o processo de nasalização é gradiente e pode ser satisfatoriamente formalizado por meio de pautas gestuais. Para a FonGest, a nasalização das vogais é consequência da coordenação de gestos. Assim, o fenômeno pode ser explicado a partir da ideia de “constelação gestual”, em que um gesto é combinado com o outro, em intervalos de tempo que coincidem. Segundo a teoria, as variáveis do trato envolvidas nesse processo são a abertura vélica (AV) – responsável pelo gesto de nasalização –, grau (GCCL) e lugar (LCCL) de constrição do corpo da língua – responsáveis pelo gesto característico das vogais. Assim, nesta perspectiva, alterações nas produções dos segmentos vocálicos podem ser atribuídas a diferenças de magnitude e temporalidade gestuais. Nesta perspectiva teórica, foi usada a ferramenta de ultrassom para fins de análise articulatória. Foram coletados os dados de uma nativa de português e de uma nativa de francês, a fim de ser ter grupos controle em relação à produção das vogais. As aprendizes são acadêmicas de semestre distintos (2º e 8º) do curso de licenciatura em Letras Português/Francês, viabilizando, assim, verificar as etapas de aquisição desses segmentos, bem como a importância da variável nível de proficiência nesse processo. O presente trabalho discorre, portanto, sobre os resultados relativos às imagens ultrassonográficas, buscando caracterizar articulatoriamente as vogais [ɛ̃], [ã] e [õ] produzidas pelas informantes e, conseqüentemente, as possíveis etapas de aquisição e influência do padrão articulatório do português na produção dessas aprendizes.

2. METODOLOGIA

Foram considerados os dados articulatórios produzidos por 4 informantes: grupo I – 2 aprendizes de francês como língua estrangeira; II – 1 nativa de francês; grupo III – 1 nativa de português brasileiro. Os sujeitos do primeiro grupo, constituído por mulheres com idade entre 18 e 25 anos, apresenta informantes de dois semestres diferentes (2º e 8º) do curso de licenciatura em Letras Português/Francês da Universidade Federal de Pelotas. A informante do segundo grupo é nascida em Verdun/França, tem 23 anos, e seu nível de escolaridade é superior completo. No que diz respeito ao terceiro grupo, além dos critérios

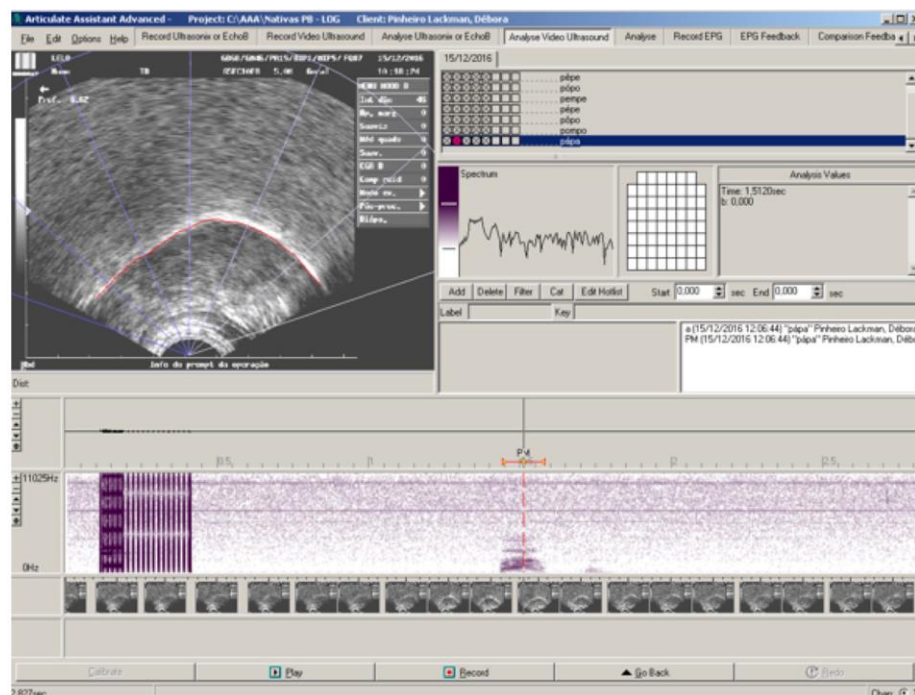
supracitados no que concerne à idade e ao grau de instrução, a informante é brasileira, nativa do português brasileiro, e monolíngue.

Para a realização das coletas, conforme Figura 1, foi utilizado um ultrassom *Mindray DP 6660*, um estabilizador de cabeça para impedir a movimentação da sonda ultrassonográfica, um computador de mesa, um sincronizador de áudio e imagem *Sync BrightUp* modelo SBU 1.0, uma placa de vídeo a fim de conectar o ultrassom e o computador, um microfone *Genius*, um gravador modelo *Zoom H4N* e o *software AAA*. O referido *software* também foi utilizado para as análises qualitativa e estatística de dados, como pode ser constatado na Figura 2.

Figura 1 – Exemplos de instrumentos utilizados na coleta articulatória



Figura 2 – Exemplo de tela de análise no *software AAA*



O instrumento de coleta articulatória consistiu em um teste de produção de logatomas em frase-veículo. Para os grupos I e II, foi utilizada a frase “Je dit _____ comme en _____” e para os Grupos I, que realizou os testes referentes às duas línguas, e III, “Digo _____ como em _____”. Cada teste foi repetido cinco vezes pelas informantes, totalizando 240 dados coletados, sendo que somente um teve de ser descartado, tendo em vista a má visualização da borda da língua. Foram controladas, para a constituição do *corpus*, as seguintes vogais do português e do francês: [a], [e], [ɛ], [o], [ɔ], [ã], [ê], [ẽ], [õ] e [õ̃]. Essas vogais, nos logatomas, estavam presentes em contexto tônico e eram antecedidas pela plosiva surda [p]. Para fins de análise, foram feitos os desenhos dos contornos das línguas dos informantes para que, logo depois, fosse possível fazer sobreposições de imagens, estabelecendo, assim, comparações entre as produções dos sujeitos. Por fim, gráficos foram criados para melhor visualização das semelhanças e diferenças encontradas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados indiciam que as vogais nasais do PB e as do FR se diferenciam – comparando-se os dados das nativas –, pois a estratégia utilizada para diferenciar uma vogal oral de uma nasal no FR é a posteriorização do movimento de língua, isto é, o eixo horizontal é determinante nesse processo; já para a da nativa do PB, é o aumento na altura do movimento de língua, ou seja, o eixo vertical, que assume relevância. A aprendiz do 2º semestre apresentou configurações articulatórias similares para as três vogais nasais, muito semelhante à da nasal central da sua língua materna. Foi possível constatar também, a partir da análise dos dados do teste de francês dessa informante, que assim como a nativa do FR e como os resultados encontrados na tese Delvaux (2003), para diferenciar a vogal nasal da oral francesas, a informante lança mão da posterioridade, isto é, as vogais nasais são produzidas com movimentos direcionados para a parte de trás da boca. O par [õ̃] – [o] foi o único que não apresentou essa característica, porém, foi possível observar maior altura para a vogal nasal, estratégia utilizada pela aprendiz nos dados do PB. A aprendiz do 8º apresentou (i) configurações distintas para cada vogal nasal do francês e (ii) constelações gestuais distintas daquelas utilizadas na sua LM. De uma maneira geral, essa informante, ao ser inserida a nasalidade nas suas produções, apresentou menor altura da ponta de língua, isto é, há um abaixamento da ponta quando produzidas as vogais nasais francesas e uma elevação quando produzidas as orais. Essa aprendiz pareceu estabelecer diferenças entre as nasais do português e do francês, fazendo uso de estratégias como maior elevação de dorso e maior anterioridade dos movimentos.

4. CONCLUSÕES

A coleta articulatória trouxe achados importantes sobre a nasalidade do PB e do FR via análise ultrassonográfica. Os movimentos de língua e suas partes são relevantes, no francês e no português, para a distinção de segmentos orais e nasais. Acredita-se, portanto, que essa análise dinâmica possa lançar novas luzes aos estudos de aquisição das vogais nasais francesas e contribuir, assim, com o ensino-aprendizagem dessa língua estrangeira.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBANO, E. C. O português brasileiro e as controvérsias da fonética atual: pelo aperfeiçoamento da fonologia articulatória, 1999. DELTA, vol. 15.

BROWMAN, C.; GOLDSTEIN, L. Articulatory Phonology: an overview. *Phonetica*, 1992.

DELVAUX, V. Contrôle et connaissance phonétique: les voyelles nasales du français. Tese de doutorado, Université Libre de Bruxelles, 2003.